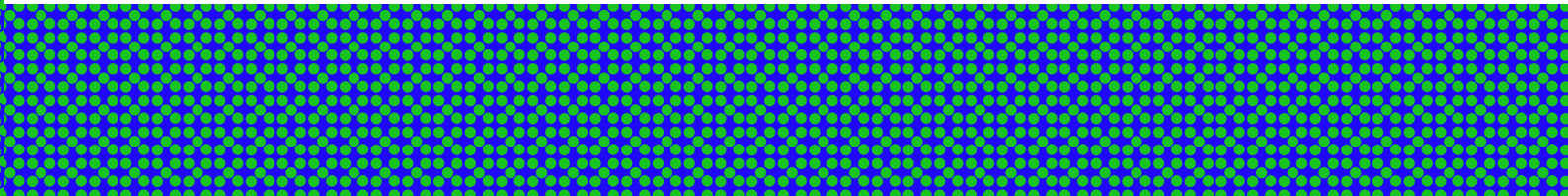


TEXTO CRIATIVO



sganzwelles

eduardo gonçalves dias¹



florianópolis, junho de 2008-2025

¹ Mestrando em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (PGET/UFSC) e pesquisador-bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Graduado em Cinema (2022) pela UFSC, foi bolsista dos projetos de extensão Cine Paredão e Cineclube Rogério Sganzerla entre 2017 e 2025, e pesquisador-bolsista de Iniciação Científica no CNPq em 2018 e 2020. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Cinema, atuando principalmente nos seguintes temas: audiovisual, cineclubismo, crítica, curadoria, ensaio, poética, semiótica, tecnologia e pós-digital.

à profa. cláudia mesquita

[parágrafos a par de garfos]

...o signo é o caos..
tropical, tropical.. claro como o sol!!!

a-vaca-olhem-nos..

os livros de história trazem pedro Álvares Cabral como o descobridor do Brasil, terra bela e adormecida. engraçado, coberto com um calor destes?! entretanto, no cinema, não foi Humberto não, senão Rogério Sganzerla quem descobriu o Brasil, através de outro estrangeiro: George Orson Welles!

tropical, tropical.. claro como o sol!!!

SGANZERLA?, só se for na moviola!

[sin-tonia cen-táurica]

aborigenética bárbara. o carnaval, grotesco e nosso!

disseram lá fora que ele seria,
e então um belo dia
o Brasil quis ser um grande..
malandro ou otário!?

mas no princípio, foi à rádio: NACIONAL.. alô alô, Carmen Miranda & cia protropicalia.. chanchada! o melhor do pior.. grande otelo! sim, Humberto Mauro foi o primeiro. só que antes de Nelson veio Orson: que o cinema marginal assimilou melhor.. e de lá pra cá, vieram tooodos! ao cinema novo impressionava os novos realismos. Humberto entra para o INCE e produz mais de 300 documentários. nasce em alguns ciclos no cinema brasileiro a discussão de uma identidade nacional, com a qual o pessoal do cinema novo vai se entusiasmar. apesar da evolução, o cinema novo ainda era “aristocrático”, uma visão ainda distante, de quem vê de longe. (Glauber Mutante transcende). é claro que a intenção sem dúvida foi ótima e nos trouxe avanços significativos: defesa da produção e difusão interna em detrimento da hegemonia estética e mercantil estadunidense. e dá-lhe vanguardas do velho mundo!

não somos europeus nem americanos do norte, mas destituídos de cultura original, nada nos é estrangeiro pois tudo o é. a penosa construção de nós mesmos se desenvolve na dialética rarefeita entre o não ser e o ser outro. (GOMES, 1996, p. 90).

pois é, o brasileiro é estrangeiro até mesmo em sua própria casa, ou casca! curupaco!

Orson Welles, a pedido do então presidente Roosevelt como política da boa vizinhança, foi incumbido no ano de 1941 de realizar o documentário *It's all true*. aqui no Brasil, devido às péssimas condições de trabalho, 4 jangadeiros fazem a homérica viagem

de fortaleza ao rio do janeiro, 2400 km em dois meses, guiados “pelo sol, pelo vento e pelas estrelas”. a repercussão foi tanta que, em dezembro de 1941, a revista time publica um artigo intitulado “*four man in the raft*”. orson se encanta com a história, reconhece em jacaré, líder da expedição, um herói verdadeiro e decide que esse será um dos dois episódios filmados no brasil, junto com o do carnaval do rio de janeiro.

ao chegar no rio, orson se deslumbra e desbunda nos morros cariocas, despertando o brasileiro que ele quase foi. na verdade, se é que há uma, é que orson fez mais antropologia do que cinema, principalmente o cinema que a RKO e o governo estadunidense queriam dele. somando-se a isso, ele teve que enfrentar a ditadura de vargas, que oficialmente lhe oferecia um tratamento, quando na verdade o dops estava na sua cola. calma, a situação pode piorar. seu financiamento é cortado, começa a 2ª guerra, navios brasileiros são atacados. quer mais? jacaré morre nas filmagens. tudo de fevereiro a julho de 1942.

mulher de jangadeiro é a mar..
pelo horizonte num eterno par..

EXTRA EXTRA

revelada a identidade do bandido da luz vermelha! NO AR

...enquanto news, em/arte, (O.W.) se diverte

kane é quem?!

vêm vão vêm vão vêm vão

MR. WELLES?
MISTÉRIOS!!!

o que sganzerla extrai da experiência orsoniana em quatro dos seus últimos filmes [*Nem tudo é verdade* (1986), *A linguagem de Orson Welles* (1989), *Tudo é Brasil* (1997), *O signo do caos* (2003)] são os desafios encontrados por welles em sua curta e trágica passagem pelo nosso paraíso. ou inferno? welles se viu em voltas com um drama vivo, representou sem saber uma experiência fáustica, e cáustica. teve que pagar, se não literalmente com a própria vida, pelo menos com a vida artística, com sua obra, o preço da ambição, já clara no título do projeto (*é tudo verdade*). uma ambição sem sombras de (ou com) dúvidas, justa. mas assim como a perfeição, justiça também não é deste mundo. e quem quiser se aproximar da verdade ganha de presente a maldição. ou a passagem de ida. sem volta. é triste. e crístico.

um destes desafios foi quanto à produção de um conteúdo livre das exigências do *establishment*, seja lá nos estados unidos ou aqui no brasil, como em qualquer lugar. o outro, diz respeito à uma brasilidade, latente e recalcada, que também não é um fenômeno exclusivo do nosso país; entretanto, caldeirão cultural que ele é, evidenciava-se melhor. a grande dominação ianque se dá pelo olhar. o cinema estadunidense propagou um jeito de ser que se tornou mitológico, padrões repetidos inconscientemente através do imaginário formado através do cinema. os modelos, então, são importados. não interessa aos grandes estúdios que o público se descubra, pois acabaria com seus lucros obtidos num sistema de curral. por isso ludibrium. ao espectador resta o sonho e, talvez para sublimar uma vida desconstituída de significado, ele substitui sua imagem pela de seus ídolos, e por não viver, outorga a sua vida aos astros, assim como também faz com o poder público, por não ser o dono

da sua autonomia. em vista desse quadro, como apresentar um espelho a um povo mascarado? é carnaval o ano inteiro!

país do futuro, aham.. mas qual? e quando?

falar de suas influências, além de mr. weller, seria fazer uma grande lista de grandes.. coisas da qual eu ainda nem sonho.. filmes que não se esgotam, pois sempre há algo a se descobrir.. milhares de links aleatórios.. ideogramas, calentescópios, metacinemafísico, com montagens vigorosas, textos fantásticos; e a adjetivação vai embora.. poderia passar o que resta de tempo pro juízo final nesta empreitada.. a exemplo do próprio, que dedicou a sua vida em desvendar e produzir signos.. precário por opção.. o antifilme degenerado.. hollywood & globo – lado B.. quem não gostou que também invente um gênero.. que tal: cinema inacional? isso pra não dizer a verdade!

no signo, o mundo é reduzido a uma repartição, bem repartida. o roteiro serve como rota, quando há.. o lance são os dados.. textos e enxertos.. cinema de improviso.. sintetiza sensações.. quem não mastiga que engula. a fórmula é uma. mesmo na feira há bons frutos. acolha-os. ligue o liquidificador. caso não, esprema a mão! mixture a gosto. deixe algumas pistas e despiste. cinema de lupa. em trânsito.. em tRanSe gente!!!

é bom lembrar que não só de si, como dos outros ele soube extrair o melhor.. a melhor caricatura brasileira, canastrona, discursos dissociados das ações.. o brasileiro fala uma coisa e faz outra.. a montagem privilegia os avanços e recuos da memória e imaginação.. isso cada um constata inconscientemente depois.. como? é segredo.. quem tem pode brincar à vontade.. olhos livres é preciso ouvidos, ou, vidas.. todos estão flertando _sófocles, da vinci, orson ou hendrix_ pessoas que chegaram aos limites, marginais mais eruditos que os ditos.. mania humana em fixar um ponto apenas a ser capaz de abarcar o seu todo, ou nada. ou talvez omissão à maldição em meio à evidente banalidade. K óti K . pra se entender o caos, só vivendo. só assim o caos tem significado. pré-visão caótica. teoria e crítica é chiclete. fica indigesto.

mas o principal é sensível.. ainda que caótico.. a profecia é interessante, e não interesseira.. alguém viu, há um exorcismo já lá no bandido.. processo de libertação, catarse ou individuação depois repetido com heleno também, num carnaval sem máscara, cru como osso.. bárbaro? é nosso!!!

camila pitanga em berço esplêndido, ao som do rádio e à luz da cachaça afunda, nossa ordem e progresso. botão de rosa... um homem caminha pra escuridão: moçada, brincar de cinema, só se for fora do quarto!

só o destino da fênix
não é nada feliz
nascer esfinge
morrer shiva

fogo por cima do tapete + shiva = NOTRES.PAS.S./GN
(meus pensamentos encheriam o saco do papai noel)
“o de cima ou debaixo? os 3, cabeça de bagre!”

tivéssemos 66 anos pela frente, até entenderíamos sganzerla&welles, mas não..
welcome to cais do caos.. mosaicacos: apocalipse segundo rogério sganzerla.
ninguém viu nada. e está acontecendo!

o caos do signo: *it's all true!*
testamentos em branco..
no século 21, cinema movido à fogueira

QUADRO AO QUADRADO: um banquete a se servir pela eternidade...

curupaco, meus caros!

REFERÊNCIAS

- BERNADET, Jean-Claude. *O vôo dos anjos: Bressane, Sganzerla*. Rio de Janeiro: Editora Brasiliense, 1991.
- FERREIRA, Jairo. *Cinema de invenção*. São Paulo: Editora Max Limonad, 1986.
- GARDNIER, Ruy. Artigos sobre Rogério Sganzerla. *Contracampo Revista de Cinema*, n. 58. 2003. Disponível em: <http://www.contracampo.com.br/58/artigos.htm>. Acessado em 20 de maio de 2008.
- GOMES, Paulo Emílio Salles. *Cinema, trajetória no subdesenvolvimento*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.